

PROJETO ENSINAR COM PESQUISA 2010

O uso do cinema no ensino de graduação: a representação do passado em filmes documentais e ficcionais

Bolsista: Alexsandro de Sousa e Silva

Filme: *A fronteira* (1991), de Ricardo Larraín

Resumo geral:

O drama trata do exílio interno do professor Ramiro Orellana, condenado a viver em um povoado de uma ilha por ter assinado uma carta pública denunciando o sequestro de um amigo e, para o governo, trata-se de um perturbador da ordem pública, ou terrorista, segundo habitantes do lugar. O enredo é contextualizado no Chile de Pinochet no ano de 1985. Ramiro é levado por dois detetives como se fosse um turista a passeio pelo Chile ao vilarejo até uma balsa, que leva o professor às mãos do delegado da cidadela onde viverá vigiado.

Perdido e desorientado, Ramiro é ajudado por Maite em uma noite de tempestade. Consegue sobreviver graças à ajuda da dona do bar e do padre, que lhe dá abrigo em troca de serviços na igreja e participação nas celebrações, além da espanhola que zela pelo professor. Porém o delegado aumenta gradativamente as dificuldades de vida do condenado. Mesmo assim, Ramiro consegue suportar a pressão ao mesmo tempo que se aproxima de Maite, além de ajudar o mergulhador do vilarejo a fazer pesquisas no fundo do mar. O fascínio do mergulhador vem de um recente maremoto que devastou a cidadela num passado próximo ao contexto do filme.

Ramiro e Maite se rendem um ao outro no mesmo instante em que o delegado, furioso, procura pelo professor para pressioná-lo. Sendo solto, o protagonista consegue viver ao lado da amada e do mergulhador, que insiste na investigação no fundo do mar. Dias depois, Ramiro é livre da condenação, sem saber ao certo o que fazer da vida. Opta por ficar no povoado por enquanto, após ter sua proposta de levar Maite para Santiago rejeitada pela amada. Mas, numa noite, acontece um novo maremoto, na qual vitimiza Maite que opta morrer ao lado do pai do que fugir com Ramiro. Os sobreviventes da catástrofe se refugiaram em um cemitério no alto de uma colina, até que chega a imprensa para cobrir o evento, entrevistando Ramiro, atordoado com tudo o que passou.

Personagens:

Ramiro Orellana: professor de Matemática, foi condenado a um *relegamiento* por “perturbar a ordem pública”. Às vezes tem um comportamento arrogante, mostra-se frio e racional a princípio, mas aos poucos torna-se sensato com certos comportamentos incompreensíveis dos habitantes do povoado, chegando a amar Maite e ser ajudante do mergulhador sem saber ao certo o que poderia conseguir. Consegue sobreviver com a ajuda de Machi, Maite, da dona do bar e do padre, apesar de ser taxado de terrorista, termo comum empregado pelo regime militar aos opositores da ditadura. Quando veste a roupa do mergulhador, encontra uma estátua de O’Higgins no fundo do mar, recebe visita do filho e fica bêbado parecendo o embriagado da balsa, no início da trama. Fica preso ao povoado seja sob a lei militar (*relegamiento*) ou ao amor à Maite. Uma representação de preso político e exilado ao mesmo tempo; este exílio é interno porém em um território distante de Santiago, e seu filho e ex-mulher estão no exterior. No final, aparece atordoado com os

acontecimentos do filme, sugerindo um Chile horrorizado e sem reação ante a destruição causada pela Junta Militar.

Maite: explosiva e temperamental, Maite é uma exilada espanhola que veio ao Chile junto com os pais. No primeiro maremoto que se faz referência no enredo, perde a mãe e o filho, cujos corpos não são encontrados. Vive com o pai no povoado, mantém uma biblioteca que só é visitada pelo mergulhador e toca órgão nas missas podendo tocar o que quisesse depois das cerimônias. Maite tem um grande apego pela família; todos os dias cantava uma música de ninar que parecia se remeter à mãe, ou ao filho, até mesmo aos dois. Aos domingos vai à antiga casa destruída pelo mar para manter uma memória do lar. Apaixona-se por Ramiro ajudando-o desde sua chegada ao povoado, e entregando-se ao amor depois dele recuperar um objeto familiar no fundo do mar. No segundo desastre marítimo, perde o pai e se entrega à morte, sob olhar desesperado de Ramiro, que não convence Maite a se salvar. A mulher seria um espelho de Ramiro enquanto exilada e vítima de repressão autoritária, seja de Francisco Franco seja do regime militar chileno, esta representada alegoricamente pelo maremoto, que destruiu lares e vitimizou famílias (desaparecimento da mãe e do filho).

Delegado e Secretário: o delegado é atrapalhado porém extremamente autoritário; no início do filme ele ouve de um dos detetives que levam Ramiro ao povoado: “fale menos e se preocupe mais”. O personagem não permite que alguém ajude o relegado e trata o professor como um animal muitas vezes, submetendo-o à sua vontade. Dita as regras como se fossem leis expressas, e tem uma fixação por documentos escritos assinados. Personagem trabalhado no filme a partir do escárnio e da ironia. O secretário é inseguro e se submete à autoridade do delegado; muitas vezes quer ajudar Ramiro mas é impedido, enquanto que outras vezes consegue, amenizando a pressão em cima de Ramiro. Os dois são responsáveis pela repressão, patrulhamento, perseguição, censura, retenção de correspondências, cerceamento de liberdade que sofre Ramiro no filme. Seriam os representantes da ditadura no povoado: o autoritário e o submisso.

Mergulhador: obcecado por descobrir origens do maremoto no fundo do mar, além de querer recuperar objetos perdidos. Está sempre vestindo a roupa de mergulhador, com o capacete embaixo do braço. Frequentador assíduo da biblioteca de Maite, quer decifrar mensagem que julga importante mas que está em inglês, idioma que não entende. Está, portanto, buscando explicações para compreender seu tempo. Numa interpretação sugestiva, entendemos que está buscando entender as origens da repressão militar, representada pelo maremoto, indo no fundo do mar recuperar objetos perdidos (entre eles está uma estátua do líder da independência chilena O’Higgins abraçando José de San Martín, líder da independência argentina), representando assim uma busca de respostas no fundo da memória, e que precisaria passar pela presença norteamericana nesta história, daí a necessidade de entender o inglês. Desaparece da narrativa indo em direção ao maremoto, podendo sugerir que, nessa necessidade de respostas, teve que enfrentar o próprio regime militar. Sem nome, este personagem é misterioso e fascinante.

Padre Patrício: padre canadense; ajuda Ramiro tratando-o como um marginal assassino, mas logo pede desculpas. Tem uma presença muito positiva no filme: ajuda os pobres, as vítimas da ditadura (Ramiro) e prega a paz. Durante a missa de velório do amigo do mergulhador, aparece com a imagem de Cristo atrás, sugerindo o martírio do padre em nome dos necessitados (o morto em questão é pobre e não tem nome), pois está sempre viajando. Ajuda os populares a escaparem do maremoto. Representante da Igreja Católica que se engaja na luta contra os crimes do regime militar na sua vertente mais assistencialista do que denunciadora, pois não se opõe ao delegado em sua ação repressora

contra Ramiro (ação que poderíamos remeter ao trabalho engajado do Arcebispado de Santiago, que se opõe à ditadura); apenas oferece um lar, comida e trabalho ao relegado.

Don Ignacio: pai de Maite. Exilado espanhol que “viaja” de volta à Espanha todos os dias sentado na beira do cais, em silêncio. Guarda fotografias e jornais que noticiam a Guerra Civil Espanhola e o maremoto que vitimizou sua esposa e neto, daqui a relação que se pode entender do maremoto com os crimes cometidos pela Junta Militar chilena, sendo que o acervo documental do idoso trata de crimes contra a humanidade na Espanha e no Chile. Este acervo aparece pendurado em varal dentro de seu quarto, pois estão sempre molhados, segundo Ignacio. Pressiona Ramiro a levar Maite para fora do povoado.

Detetives: zombadores, tiram foto junto com Ramiro algemado ao lado da bandeira chilena, podendo sugerir por parte do diretor a “herança” que o regime militar deixa para os chilenos: uma convivência incômoda entre repressores e reprimidos. Conversam sobre bandeira e hino nacionais, inglês, informática e cibernética. Um deles tira fotos dentro do carro, o outro intimida um bêbado na balsa. Ficam inconformados com o delegado e seu secretário, tratando-os como ignorantes do campo. A foto tirada com Ramiro ao lado da bandeira parece representar o “resultado” da transição democrática, lembrando que o filme é de 1991, um ano após o fim do regime militar: torturadores impunes e sorridentes ao lado dos contestadores políticos, representando a nova nação.

Família de Ramiro e conhecido: Laura é a ex-mulher de Ramiro, que viveu sete anos na Holanda ao lado do filho Hernán. Eles, junto a Gutierrez, provavelmente o novo esposo de Laura, tentam mas são barrados de descerem ao povoado para falar com Ramiro. Antes, haviam mandado livros, dinheiro e fotos para o relegado, que foi parcialmente confiscado pelo delegado. A autoridade não permitiu que os exilados de dentro do país e de fora pudessem se reencontrar. Ramiro sente dor apenas pelo filho.

Habitantes do vilarejo: religiosos, não têm voz no filme mas têm presença marcante em algumas sequências, como a curandeira indígena Machi, que recupera a saúde de Ramiro; os homens dançando na bela sequência em que o relegado dança junto; e o bêbado que, na chegada de Ramiro ao povoado, incomoda um detetive, falando palavras um tanto incompreensíveis mas percebe-se que se referia ao maremoto que devastou o lugar, ou anunciando o novo que aconteceria no final do filme.

Documentos, fatos ou frases históricas:

00:12 – Ramiro começa a assinar o livro de presença na cidade, e mostra ao delegado uma carta do arcebispado para ficar na igreja do povoado. Aqui a presença indireta do arcebispado evidencia a ajuda oferecida às vítimas da ditadura militar, importante no movimento de resistência ao regime.

00:38 – Maite conta como foi a fuga da família após a derrota dos republicanos na Guerra Civil Espanhola no final dos anos 1930, com a ajuda de Pablo Neruda, que era embaixador na França e lá fretou o cargueiro Winnipeg para levar mais de 2.000 pessoas para Valparaíso.

00:47 – Delegado lê carta de Laura para Ramiro, expondo a luta dos exilados chilenos por familiares presos no país.

00:49 – Ramiro contextualiza a foto do filho: “Amsterdam 1985”.

00:59 – Ramiro fecha o livro *El estilo posicional, de V. Simagin, 3ª Edición, Club de Ajedrez*; livro de um jogador de xadrez russo lançado em 1983 em Madrid e que veio na encomenda de Laura para ex-esposo, e descreve as melhores jogadas entre 1936 e década

de 1960. Aqui a referência seria que o livro fosse útil para Ramiro entender o jogo em que está metido no povoado, e que a censura (delegado) não conseguiu barrar.

01:05 – Don Ignacio mostra o acervo documental com fotos e jornais que noticiam a Guerra Civil Espanhola e o maremoto que vitimizou sua esposa e neto; daqui a relação que se pode entender do maremoto com os crimes cometidos pela Junta Militar chilena, sendo que o acervo documental do idoso trata de crimes contra a humanidade na Espanha e no Chile. Este acervo aparece pendurado em varal dentro de seu quarto, pois estão sempre molhados, segundo Ignacio.

01:38 – Ramiro encontra no fundo do mar uma estátua que representa um momento histórico nas lutas das independências dos países latino-americanos: *O abraço de Maipú*. O evento trata do abraço entre José de San Martín e Bernardo O'Higgins após a vitória das respectivas tropas argentinas e chilenas contra as tropas realistas espanholas em 05.04.1818, às margens do rio Mapocho. O evento foi registrado em 1938 num quadro histórico de Fray Pedro Subercaseaux.

01:39 – Ramiro assina documento e recebe os bens confiscados pelo delegado.

01:41 – Mostra-se uma capa do periódico *Solidaridad*, mostrando os relegados beneficiados pela anulação da condenação. A publicação ficou a cargo do Arzobispado de Santiago, Vicaría de Solidaridad, e foi publicada entre 1976 e 1990. Todas as edições estão disponíveis para livre consulta e pesquisa no site *Memoria Chilena*, através do link: http://www.memoriachilena.cl/temas/index.asp?id_ut=lavicariadelasolidaridad%281973-1992%29. São documentos importantes para compreender as lutas dentro do país pela redemocratização e as denúncias contra as atrocidades do regime militar chileno.

Observações:

O drama é um balanço crítico do cineasta sobre o período ditatorial chileno. Mesmo quem não conhece a história do país a fundo pode perceber que há uma certa amargura na narrativa, com um desfecho pessimista na avaliação dos eventos ocorridos. La Frontera é uma região histórica do Chile que na época colonial foi a última linha de defesa da *Capitanía General de Chile* ante os mapuches, na atual província de Concepción, ao sul de Santiago. O acesso ao lugar é dificultoso, pois deve-se atravessar um rio para chegar ao povoado, parecendo uma ilha. Esse limite histórico no filme recebe novos significados, pois há muitas fronteiras praticamente intransponíveis na narrativa: exílio interno, restrição da liberdade e de sentimentos, impossibilidade de se expor politicamente e de recomeçar uma nova vida.

Percebem-se algumas metáforas sugeridas na interpretação do filme. Uma delas é a do exilado em seu próprio país. Ramiro, preso em um território que lhe é estranho, tem dificuldades de entender os habitantes do povoado e é proibido de abraçar seus entes queridos, e é ajudado pela Igreja Católica, que teve papel ativo na oposição ao regime militar, a ter o direito de livre circulação em sua pátria. Há também muita chuva no filme, parecendo remeter ao filme de Helvio Soto *Chove sobre Santiago* (França, Bulgária, 1975), vinculando a chuva e a escuridão proporcionada por esta com a repressão contra o professor mostrada no filme.

Outra metáfora que entendemos haver no filme se refere aos maremotos: há a referência a um no passado e mostra-se outro que devasta o povoado. O primeiro maremoto entendemos que se refere à destruição causada pela repressão no golpe militar chileno de 1973. Maite se queixa do desaparecimento da mãe e do filho causado pelo maremoto; este acidente também destruiu muitos lares, confinando a população em uma área mais fechada

do que anteriormente. O desaparecimento aqui sugere o vínculo com os crimes cometidos pela Junta Militar; a destruição de lares poder-se-ia relacionar igualmente com a ação repressora dos militares, que confinou os resistentes a uma área de atuação mais restrita do que na época da *Unidad Popular*. Don Ignacio guarda fotografias das catástrofes causadas pelo primeiro maremoto, ao lado de fotografias da Guerra Civil Espanhola; essa equivalência nos faz pensar na relação entre a repressão franquista e a de Pinochet. Mesmo que o filme seja realizado após o fim do regime militar, entendemos que o diretor não quis deixar explícito essa relação por conta da presença do ditador no cenário político e militar do governo da *Concertación*. Já o segundo maremoto mata don Ignacio e rende Maite, e confina os habitantes a um território menor: um cemitério. Sugere-se esse segundo acidente com os crimes cometidos ainda pela Junta mesmo anunciado o fim da ditadura no final dos anos 1980, ou mesmo com a desilusão criada pela impunidade contra os torturadores. Aqui é difícil precisar a intenção do diretor, porém apontamos para essa interpretação devido à perplexidade de Ramiro ao final do filme, em seu depoimento seco diante das câmeras, como se acabasse de acordar de um grande pesadelo.

Há também momentos de “realismo mágico” no enredo. Ramiro encontra uma estátua de O’Higgins e San Martín no fundo do mar; o professor dança chorando em um bar junto a outros homens, uma transformação do professor do poético para o patético; don Ignacio “viaja” para a Espanha todos os dias sentado no cais, com a mala de viagem cheia ao seu lado; durante o velório do amigo do mergulhador o capacete deste está em cima do caixão; uma curandeira faz suas rezas para Ramiro enfermo dentro da Igreja Católica do povoado, evidenciando um sincretismo religioso que permeia em alguns momentos do filme.

A câmera no filme pouco se movimenta. Os destaques vão para a fotografia e a trilha sonora. A fotografia é essencial para a trama por conta dos excelentes enquadramentos das personagens, como a curandeira com suas rezas quase ao lado da imagem de Jesus Cristo (sincretismo religioso), ou as expressões faciais do delegado com o secretário; além da exibição da paisagem natural do povoado que a transforma em um personagem do filme, criando uma sensação de fascínio pelo lugar e de solidão ao mesmo tempo. Há momentos de um forte contraste entre claro e escuro em ambientes escurecidos. A trilha é marcada pelo trabalho de teclado, dando um aspecto soturno para o filme, acrescentado com dedilhados de violão.

Sugestões para sala de aula:

Na sequência 28 há um momento de realismo mágico que poderia ser interessante para um debate. Ramiro está bêbado e desiludido com o fim da repressão que sofre por parte do delegado, pois não pôde ficar à vontade para falar com seu filho momentos antes, além de ter se desentendido com Maite. No bar, a escuridão prevalece, com algumas luzes sobre as mesas e os personagens; a câmera está no alto na maior parte do tempo para visualizar todas as personagens em ação. Ramiro, embriagado e fumando, diz à dona do bar que teve um dia muito ruim. Um som de sanfona acompanhada com um violão inicia uma canção alegre com letras melancólicas sobre o amor, e os homens começam a dançar em pares, parecendo se segurarem para não caírem. Ramiro vai até aos músicos, e começa a falar para os dançantes se não percebem o que está acontecendo no país (repressão política) e no mundo (fim do socialismo real?). Todos param e olham para o professor quando Ramiro os chama de “maricones”, homossexuais. Um dos homens que estavam dançando pergunta a Ramiro: “Queres bailar, compadre?”. O professor, sem saber o que fazer,

responde “Com prazer, compadre”. E, cada um agarrando a blusa do outro como se quisesse puxar para uma briga, dançam antes da música. Os músicos voltam com a mesma canção, e os outros homens voltam a dançar. Uma forte luz branca finaliza a sequência.

Um momento de pura subjetividade por parte do filme pode conduzir um debate para algumas conclusões que podem divergir das intenções do diretor. Porém, nesta sequência entendemos que o professor tinha que se adaptar à nova sociedade que não queria saber de política e que dá ênfase às questões interpessoais. Por isso ninguém se incomodou com os berros de Ramiro sobre o que acontecia no país, mas com a palavra “maricones”. Para uma sociedade machista, o termo é inaceitável. Com muito pesar e em prantos, sem saber ao certo se era por causa da situação ou da repressão que sofria, o professor entra na dança ao invés de falar sobre política. Mais uma fronteira que Ramiro teve que enfrentar no filme: para falar de política também há limites. Outra observação: Ramiro está vestido semelhantemente ao bêbado que incomodou o detetive na balsa no começo do filme, quando, após proferir palavras incompreensíveis, falou do maremoto e desenhou com o dedo um mar na janela do carro. Os dois bêbados não são compreendidos pelos seus interlocutores, sendo intimidados a mudar de atitude. As interpretações sobre estes momentos são sugestivas e incidem na interpretação que cada um pode fazer do filme.

Outra sequência que destacamos é a 37, na qual chega o helicóptero dos carabineiros com uma equipe de reportagem para conferir os desastres do último maremoto. Os repórteres reconhecem Ramiro como um relegado que conquistou a liberdade recentemente. Eles querem entrevistar o professor para que fale dele para a câmera. O destaque nesta sequência vai para o último plano, que são as imagens que vemos pela câmera, na qual Ramiro parece atordoado tal como se estivesse acordado de um pesadelo. Nova fronteira que o personagem teve de lidar: a impossibilidade de expressar sua condição de exilado devido ao choque emocional por ter perdido sua amada e seu amigo mergulhador. Aqui sugere-se o balanço feito por um país que foi atordoado com as perdas proporcionadas com o regime militar, e que, naquele instante, parecia não existir justiça que pudesse reparar os danos. A sensação de derrota é visível. Não há nada para comemorar, o que talvez fosse a intenção dos repórteres em mostrar, pois o professor foi reconhecido por ter sido beneficiado com o cancelamento do *relegamiento*, ou seja, os exilados pareciam ter um motivo para festejar pois poderiam voltar ao seu país. Ramiro parece triplamente preso: pela imagem da câmera, pela imagem que nos chega pela tela do cinema, e pela imobilidade diante da derrota pessoal e política. A amargura desse último plano dá o tom do filme, abrindo espaço para as diferentes leituras dos porquês desse sentimento de derrota ao longo da narrativa.

Sequências:

01. Créditos iniciais sob fundo negro.
02. Detetives levam Ramiro para o povoado; prosseguem os créditos iniciais.
03. Bêbado incomoda um dos detetives; delegado e secretário recebem Ramiro com desprezo e zombaria por parte dos agentes.
04. Jipe com delegado, secretário e Ramiro passam pelo bêbado da balsa caído no chão.
05. Ramiro na delegacia é desqualificado pelo delegado.
06. Maite ajuda Ramiro a sair da chuva para o abrigo da igreja.
07. Morre amigo de mergulhador no bar onde o professor janta.
08. Velório do amigo do mergulhador.
09. Secretário informa ao padre Patrício sobre Ramiro e o recém morto.

10. Padre Patrício dita as regras para que Ramiro permaneça na igreja.
11. Don Ignacio passa por Ramiro e secretário para “viajar” no cais.
12. Após a missa para o falecido, Maite chama Ramiro para conhecer o vilarejo.
13. Maite mostra antigo lar destruído pelo maremoto a Ramiro.
14. Delegado impõe que Ramiro coloque nome completo ao lado de assinatura.
15. Padre se prepara para nova missão; don Ignacio volta para casa.
16. Ramiro explica ao padre o porquê de seu *relegamiento*.
17. Machi diagnostica Ramiro enfermo ao delegado e secretário.
18. Ramiro recebe correspondência da ex-mulher Laura com foto do filho Hernán.
19. Ramiro agradece a Machi pela cura.
20. O mergulhador faz proposta a Ramiro para que trabalhassem juntos.
21. Ramiro aceita proposta do mergulhador na biblioteca de Maite.
22. Ramiro espia Maite com o pai numa noite chuvosa.
23. O professor surpreende o secretário na delegacia com mulher enquanto assinava o livro de madrugada.
24. Ramiro e o mergulhador começam atividades no mar.
25. O professor é questionado por don Ignacio sobre a relação com Maite; em seguida, esta intimida Ramiro por tê-la espionado na noite anterior.
26. Ramiro recebe visita de Laura, Gutierrez e Hernán mas estes não puderam descer na balsa.
27. Ramiro encontra don Ignacio no cais; Maite repreende o professor por ter atrapalhado o pai em sua “viagem”.
28. Baile dos homens no bar, Ramiro é convidado e ele dança em prantos.
29. Ramiro e Maite se amam quando são surpreendidos pelo delegado e secretário.
30. Delegado define castigo a Ramiro por este não ter assinado no horário correto.
31. Don Ignacio quer que Ramiro leve Maite para fora do povoado.
32. Ramiro encontra estátua *O abraço de Maipú* no fundo do mar.
33. Anulação do *relegamiento* de Ramiro.
34. Ramiro tenta convencer Maite para ir a Santiago.
35. Machi diz ao padre que vai acontecer algo ruim; Ramiro no bar com o mergulhar vai depois à casa de Maite.
36. Maremoto vitimiza don Ignacio, desespera Ramiro que vê sua amada se entregar à morte e faz com que a população se refugie no cemitério, no alto de uma colina.
37. Ramiro fala para uma câmera sobre o motivo de seu *relegamiento*.
38. Créditos finais.